

Antonio Nóbrega Filho
Fátima Feitosa
(Organizadores)

PATATIVA DO ASSARÉ
100 ANOS DE POESIA
MARÇO/2009



Instituto de Estudos e Pesquisas
para o Desenvolvimento
do Estado do Ceará

Fortaleza - Ceará
2009

Copyright - © 2009 by INESP

Coordenação Editorial: Antonio Nóbrega Filho, Fátima Feitosa

Diagramação e Capa: Mário Giffoni

Impressão e Acabamento: Gráfica do INESP

Revisão: Vânia Soares

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autor e fontes.

EDITORA INESP

Av. Desembargador Moreira 2807, Dionísio Torres,

Fone: 3277-3701 - fax (0xx85) 3277-3707

CEP - 60.170-900 / Fortaleza-Ceará Brasil

al.ce.gov.br/inesp - inesp@al.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

Antonio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré, tendo a natureza e o homem do campo como fonte de inspiração cantou em verso e prosa a resignação nordestina diante das intempéries climáticas, a resistência do homem do sertão em defender seu torrão natal e principalmente tornou-se o paladino da alma do sertanejo e da cultura popular. Nasceu em 1909 na Serra de Santana, pequena propriedade rural no município de Assaré. Completaria 100 anos em 5 de março de 2009.

Patativa só passou seis meses na escola, mas não o impediu de ser Doutor Honoris Causa de pelo menos três universidades. Não teve estudo, mas discutia com maestria a arte de versejar. Desde os 91 anos de idade com a saúde abalada por uma queda e a memória começando a falhar, Patativa dizia que não escrevia mais porque, ao longo de sua vida, " já disse tudo que tinha de dizer". Patativa morreu em 08 de julho de 2002, na cidade que lhe emprestava o nome.

Através de requerimento dos deputados Lula Moraes, Welington Landim e Prof. Teodoro esta Augusta Casa realiza Sessão Solene em homenagem ao centenário deste homem do sertão que cantou as dores, as lutas, as esperanças e os amores do sertanejo.

A resistência e a bravura da nossa gente foi cantada assim:

" Eu sou de uma terra que o povo padece
mas não esmorece e procura vencer.
Da terra querida, que a linda cabloca
de riso na boca zomba no sofrê
Não nego meu sangue, não nego meu nome.
Olho para a fome, pergunto: que há?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
Sou cabra da peste, sou do Ceará".

Deputado Domingos Filho

Presidente da Assembleia Legislativa do Ceará

SUMÁRIO

Apresentação	3
Sumário.....	5
Cronologia da Vida de Patativa do Assaré	7
Pronunciamento dos Deputados Autores do Requerimento	9
Produção Literária	17
A Triste Partida (Patativa do Assaré)	18
Cante Lá, Que Eu Canto Cá.....	22
Vaca Estrela e Boi Fubá (Patativa do Assaré)	27
Citações	28
Projeto Poesia Itinerante	29
Referências Bibliográficas.....	30
Registro Fotográfico	31
Hino Nacional Brasileiro	41
Hino do Estado do Ceará	42

CRONOLOGIA DA VIDA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Datas, efemérides e eventos mais relevantes da vida do poeta:

- 1909 – Nasce dia 5 de março, na Serra de Santana, em Assaré;
- 1913 – Com apenas 4 anos, fica cego de um olho em decorrência de uma doença;
- 1917 – Morre o pai;
- 1921 – Vai para a escola aos 12 anos, onde passa apenas quatro meses;
- 1922 – Faz seus primeiros versos;
- 1925 – Vende uma ovelha para comprar a primeira viola. Passa a se apresentar nos sítios, festas e feiras da região.
- 1928 – Viaja para Belém, onde ganha o epíteto de Patativa;
- 1929 – É recebido pela direção da Casa Juvenal Galeno;
- 1931- É citado no livro “ O Matuto Cearense e o Cabloco do Pará” , de José Carvalho;
- 1936 – Casa-se, dia 6 de janeiro, com Belarmina Paes Cidrão, a dona Belinha;
- 1940 – Apresenta-se com violeiros, como João Alexandre, nos sítios e festas do Cariri;
- 1955 – Conhece José Arraes de Alencar, que toma a iniciativa de transcrever seus poemas por meio de Moacir Mota, filho de Leonardo Mota;
- 1964 – Luiz Gonzaga grava “ A Triste Partida”;
- 1972 – Raimundo Fagner grava “Sina”, no disco “Manera Fru-Fru”;
- 1973 – É atropelado na Avenida Duque de Caxias, em Fortaleza, dia 13 de agosto;
- 1979 – Muda-se para a sede de Assaré;
- É homenageado no encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisa Científica- SBPC;

Grava o disco " Poemas e Canções" e participa do Massafeira Livre , no Teatro José de Alencar;

1980 – Fagner grava " Vaca Estrela e Boi Fubá";

1984 – Participa da Campanha pelas " Diretas Já";

1985 – Grava o disco " Patativa do Assaré";

1988 – É submetido a uma cirurgia oftalmológica em Campinas – SP;

1993 – Participa da novela Renascer, da Rede Globo;

1994 – Disco Patativa – 85 anos de Luz e Poesia;

1995 – Lançamento do livro " Patativa e o Universo Fascinante do Sertão", de Plácido Cidade Nuvens;

1997 – Cd " Patativa 88 anos de Poesia";

1999 – Inauguração do Memorial Patativa do Assaré em sua cidade natal;

2001 – Recebe o Troféu Sereia de Ouro;

2002 – Falece em 8 de julho;

2006 – O livro " Cordéis e outros poemas" é indicado para o vestibular

2009 – Comemorações marcam o centenário do poeta.

PRONUNCIAMENTO DOS DEPUTADOS AUTORES DO REQUERIMENTO

Patativa do Assaré, orgulho do Ceará

*Deputado Estadual Wellington Landim – Líder do bloco
parlamentar*

PSB-PT-PMDB

Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, que destacou o Ceará pelo Brasil e pelo mundo. Patativa, que ficou órfão de pai aos 8 anos de idade, aprendeu apenas a lidar com as letras, mas era um autodidata. E assim, aprendeu a ler sem ponto nem vírgula, como se o ritmo das palavras fosse dado unicamente pela voz. Esta estranha aprendizagem, na realidade, é apenas a expressão profunda da oralidade que caracteriza a cultura popular e a tradição dos poetas-repórteres. Com paciência, Patativa lia e entendia os poemas de Olavo Bilac, Guimarães Passos e Castro Alves, seu autor predileto. Apesar de ter nascido num meio muito modesto, descobriu a literatura através, também, dos folhetos de cordel e dos cantadores, repentistas e violeiros nordestinos.

Patativa era extremamente engajado politicamente. Foi contra a ditadura militar; participou das 'Diretas-Já'; denunciou o caráter político da seca; e defendeu a reforma agrária, entre outras lutas. Seu primeiro poema foi publicado no Jornal Correio do Ceará, em 1926 e seu primeiro livro, "Inspiração Nordestina", trinta anos depois, em 1956. Em 1978 publicou o livro "Cante Lá que Eu Canto Cá", e em 1979 iniciou, com "Poemas e Canções", a gravação de uma série de discos, entre os quais se destacam "Canto Nordestino", em 1989, e "88 Anos de Poesia", em 1997.

Aos vinte anos, na ocasião de uma visita a Assaré de um primo materno, este encantado pelas improvisações de Antônio, pediu autorização a sua mãe para levar Antônio para o Estado do Pará. Antes, porém, passou por Fortaleza onde conheceu o escritor cearense José Carvalho de Brito, que lhe consagrou um capítulo em seu livro intitulado "O Matuto cearense e o Caboclo do Pará". Além

disso, Brito publica os primeiros textos de Antônio Gonçalves da Silva no jornal O Correio do Ceará. Esses textos foram acompanhados de um comentário nos quais José Carvalho de Brito comparava a poesia espontânea de Antônio Gonçalves da Silva à pureza do canto da patativa, pássaro do Nordeste. Foi assim que nasceu o pseudônimo de Patativa. Patativa do Assaré empreendeu, então, uma viagem a Belém, em seguida a Macapá, onde ficou dois meses. Julgando a vida relativamente insípida e não apreciando o fato de deslocar-se sistematicamente por barco para ir de uma casa à outra, decidiu retornar a Belém, onde continuou suas improvisações em companhia de outros poetas como Francisco Chapa, Antônio Merêncio e Rufino Galvão. Ao termo de cinco meses, não resistindo mais aos ataques de saudades, ele decidiu tornar a viver no Ceará.

Em seu retorno, José Carvalho de Brito entregou a Patativa uma carta de recomendação para obter uma audiência com a doutora Henriqueta Galeno, filha do poeta Juvenal Galeno. Ele foi recebido com honras dignas de um "poeta de classe, um poeta de cultura, um poeta erudito" e improvisou, em seu salão, acompanhado de sua viola. Doutora Henriqueta ficou impressionada, mas Patativa preferiu voltar para o campo. Analfabeto "sem saber as letra onde mora ", como diz num de seus poemas, sua projeção em todo o Brasil iniciou-se na década de 50, a partir da regravação de "Triste Partida", toada de retirante, gravada por Luiz Gonzaga.

De volta a Assaré, foi procurado pelo latinista José Arraes de Alencar, que havia escutado um improviso seu através da Rádio Araripe do Crato. Alencar levou o material de Patativa para o Rio de Janeiro, publicando-os através de importante editoria, em 1956, com o título "Inspiração nordestina". No prefácio, José Arraes de Alencar sublinha as qualidades particulares aos poetas nordestinos:

"Nada arranca aos rapsodos (cantor ambulante) nordestinos a admirável espontaneidade, que é um milagre da inteligência, um inexplicável poder do espírito, faculdade portentosa daqueles homens simples e incultos, de cuja boca prorrompem, em turbilhões, os mais inspirados versos, as trovas mais dolentes e sentimentais, ou épicas estrofes, que entusiasma e arrebatam".

O sucesso da antologia permitiu-lhe uma segunda edição em 1966, enriquecida de novos textos: Cantos de Patativa. Naquela ocasião, ele passou quatro meses no Rio de Janeiro. Entretanto, a venda de seus livros deu-se essencialmente no Ceará. Em 1970, o professor José de Figueiredo Filho publicou uma nova coletânea de poemas. Em 1978, a partir da iniciativa do professor Plácido Cidade Nuvens, foi publicada a compilação "Cante lá que eu canto cá", considerada até hoje como a compilação da maturidade.

Em 1988, surge uma nova antologia de textos de Patativa do Assaré, intitulada "Ispinho e Fulô", sob a direção de Rosemberg Cariry, que compreende uma seleção de textos publicados nos folhetos, jornais, revistas ou discos, produtos de numerosos recitais feitos pelo País. Depois, a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará publicou uma coletânea de textos em homenagem a Patativa.

Na verdade, o sucesso de Patativa está na métrica, no ritmo e na rima, que fluem com a naturalidade com que enuncia seu canto. O que ele diz é transcrito para o papel, mas continua fiel aos códigos de transmissão oral. É como se ele estivesse em permanente peleja, não contra um rival de ofício, que ninguém chegaria a sua estatura, mas com a própria poesia. Na condição de herdeiro da tradição nordestina, o trabalho de Patativa é marcado pelo aspecto lúdico e comemorativo.

Aos 93 anos, Patativa deixou seu legado para estudos de cientistas da literatura em 2002. Era o começo de um reconhecimento mundial.

***Pronunciamento do Deputado Lula Moraes, no dia 05 de março
de 2009, por meio dos versos da poesia de Rita Lisboa,
assessora do Deputado.***

Senhores peço licença
Para essa história contar
De um poeta do povo
Nascido no Ceará
É nosso dever portanto
Seu nome imortalizar.

Na cidade de Assaré
Mil novecentos e nove
Nasceu Antonio Gonçalves
Cuja história nos comove
E sua luta e coragem
Não há ninguém que reprova

Filho de família pobre
Não teve como estudar
Perdeu o pai muito cedo
E precisou trabalhar
Pegou no cabo da enxada
Pra família sustentar.

Ficou cego de um olho
Ainda quando criança
Diante dessa tragédia
Não perdeu a esperança
E esse triste episódio
Quis apagar da lembrança.

Mesmo não indo a escola
Gostava muito de ler
Leu Camões, leu Castro Alves
Queria sempre aprender

Leu também Gonçalves Dias
Pra aumentar o seu saber.

Patativa é um pássaro
De canto enternecedor
Ave típica do Nordeste
Também grande cantador
Daí veio esse apelido
Que lhe deram com amor.

Ao sair da adolescência
Passarinho quis voar
E viajou para o Norte
Para o Estado do Pará
Pegou a sua viola
E cantou o Ceará.

Cantou a Triste Partida
De quem deixou seu torrão
E seguiu para São Paulo
Na maior desolação
Fugindo do monstro horrendo
Que é a seca no sertão.

Cantou também o Nordeste
A pobreza do sertão
O camponês explorado
Pela gana do Patrão
Denunciou a miséria
A fome e a opressão.

Cantou coisas do sertão
Alegria e tristeza
Cantou a seca que traz
O aumento da pobreza
Mas também cantou o inverno
Que traz o verde e a riqueza.

Ele hoje é estudado
Em grande Universidade
Em Sorbonne la na França
Contam a sua verdade
Seu nome é reconhecido
No sertão e na cidade.

Patativa no seu canto
Defendeu a liberdade
Lamentou a quem emigra
Do Sertão para a cidade
Igual a outro gigante
Com a mesma realidade

O nosso PC do B
Que é da foice e do martelo
Patativa que é da enxada
É curioso esse elo
São defensores do povo
Do Brasil verde e amarelo

Ambos nasceram em março
E construíram a história
Defendendo uma só bandeira
Com grande luta e vitória
Pois são muitas as conquistas
Que se guarda na memória.

Para o povo brasileiro
Que é um povo varonil
São valores importantes
Debaixo do céu de anil
Patativa do Assaré
E o P C do Brasil.

***Artigo do Deputado Professor Teodoro em Homenagem ao
Centenário de Vida do Poeta Patativa do Assaré***

"Poeta, cantor de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu"
(Patativa do Assaré)

Em 5 de março de 2009, comemora-se o centenário de nascimento de Patativa do Assaré, aliás, Antônio Gonçalves da Silva; nascido na Serra de Santana, em Assaré, sul do Ceará, em 5 de março de 1909, segundo de nove filhos de seu Pedro e dona Belinha.

De família pobre, órfão aos oito anos, desde cedo foi agricultor para ganhar a vida, mas antes de tudo foi um apaixonado poeta dos contrastes do sertão nordestino e da beleza de sua natureza.

Quando tinha quatro anos perdeu um olho por uma doença; aos doze anos, frequenta a escola e em alguns meses é alfabetizado: começa a dar vazão a sua veia poética de maneira perene, escrevendo pequenos textos, embora antes disto já compusesse versos que ele decorava.

Quando ganha a primeira viola, se esmera em repentes e passa a se apresentar em pequenas festas da cidade, ganhando o apelido de Patativa por sua poesia, que era comparada à beleza do canto desta ave nordestina.

Dizia sempre que para ser poeta não era preciso ser professor, que "... basta, no mês de maio, recolher um poema em cada flor brotada nas árvores do sertão."

Aos vinte anos, já conhecido regionalmente por seu canto e sua poesia, viaja a Belém do Pará e Macapá, e volta ao Ceará consagrado como cantador, pois enfrentou muita peleja com vários outros cantadores, deixando a sua marca como repentista.

Seu primeiro livro, "Inspiração nordestina", foi de 1956; veio a segunda edição (com acréscimos) de 1967, chamada "Inspiração

nordestina: cantos do Patativa", a coletânea de poemas "Patativa do Assaré", de 1970, "Cante lá que eu canto cá", de 1978, "Ispinho e fulô", e "Aqui tem coisa, de 1988 e 1994, e tantos outros escritos dele e sobre ele.

Bem antes disso, Luis Gonzaga gravou algumas de suas músicas, Fagner outras tantas, e ele entrou pela porta grande em nosso imaginário, tornando-se respeitado e querido como um ícone popular.

Dono de uma memória impressionante, aos noventa anos era capaz de recitar qualquer um de seus poemas; com sua maestria para traduzir em música e versos a realidade que lhe rodeava, alcança não somente popularidade nacional, mas também é razão para estudos acadêmicos profundos de sua vasta obra, como ocorre na Sorbonne, mais especificamente na cadeira Literatura Popular Universal, sob a regência do Prof. Raymond Cantel, além de ser tema de pesquisas, ensaios, conferências, teses e livros.

Tive a honra de lhe outorgar o título de "Doutor Honoris Causa", quando fui reitor da Universidade Regional do Cariri, em 1989. Tem a mesma honraria da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Federal do Ceará, em 1999; da Universidade Tiradentes, de Sergipe, em 2000; e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2005, sendo ele também homenageado com inúmeros outros títulos e prêmios por sua arte prolífera.

Sua poesia é o reflexo do sertão de pedra e sol, e figura como a interpretação fiel dos sentimentos do seu povo, relegado, injustiçado e sofrido, repercutindo as vozes sertanejas dos riachos, das montanhas e das matas, as vozes da própria terra e dos seus habitantes.

Patativa do Assaré, o homem Antônio Gonçalves da Silva, morreu em sua cidade natal, Assaré, em 8 de julho de 2002.

Sempre nos restarão sua lembrança e seu legado, embora tenhamos ficado mais pobres.

PRODUÇÃO LITERÁRIA

Sua produção literária foi vasta, escreveu só e em parceria os seguintes livros:

Inspiração Nordestina – 1956

Inspiração Nordestina: Cantos do Patativa –1967

Cante Lá que Eu Canto Cá – 1978

Ispinho e Fulô – 1988

Balceiro. Patativa e Outros Poetas de Assaré – 1991

Cordéis – 1993

Aqui Tem Coisa – 1994

Biblioteca de Cordel: Patativa do Assaré – 2000

Balceiro 2. Patativa e Outros Poetas de Assaré – 2001

Ao Pé da Mesa – 2001

E como poemas mais conhecidos, elencamos os que seguem:

A Triste Partida

Cante Lá que eu Canto Cá

Coisas do Rio de Janeiro

Meu Protesto

Mote/Glosas

Peixe

O Poeta da Roça

Apelo dum Agricultor

Se Existe Inferno

Vaca Estrela e Boi Fubá

Você se Lembra?

· Vou Vorá

A TRISTE PARTIDA (PATATIVA DO ASSARÉ)

Setembro passou, com outubro e novembro
Já tamo em dezembro.
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre do seco Nordeste,
Com medo da peste,
Da fome feroz.

A treze do mês ele fez a experiência,
Perdeu sua crença
Nas pedra de sá.
Mas nôta experiência com gosto se agarra,
Pensando na barra
Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,
O só, bem vermeio,
Nasceu munto além.
Na copa da mata, buzina a cigarra,
Ninguém vê a barra,
Pois barra não tem.

Sem chuva na terra descamba janêro,
Depois, feverêro,
E o mermo verão
Entonce o rocêro, pensando consigo,
Diz: isso é castigo!
Não chove mais não!

Apela pra maço, que é o mês preferido
Do Santo querido,
Senhô São José.
Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito,
Lhe foge do peito
O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,
Chamando a fãmia
Começa a dizê:
Eu vendo mau burro, meu jegue e o cavalo,
Nós vamo a São Palo
Vivê ou morrê.

Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia;
Por terras aleia
Nós vamo vagá.
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,
Pro mêrmo cantinho
Nós torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,
Inté mêrmo o galo
Vendêro também,
Pois logo aparece feliz fazendêro,
Por pôco dinhêro
Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a fãmia;
Chegou o triste dia,
Já vai viajá.
A seca terrive, que tudo devora,
Lhe bota pra fora
Da terra natá.

O carro já corre no topo da serra.
Oiando pra terra,
Seu berço, seu lá,
Aquele nortista, partido de pena,
De longe inda acena:
Adeus, Ceará!

No dia seguinte, já tudo enfadado,
E o carro embalado,

Veloz a corrê,
Tão triste, o coitado, falando saudoso,
Um fio choroso
Escrama, a dizê:

- De pena e sodade, papai, sei que morro!
Meu pobre cachorro,
Quem dá de comê?
Já ôto pergunta: - Mãezinha, e meu gato?
Com fome, sem trato,
Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:
- Mamãe, meus brinquedo!
Meu pé fulô!
Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!
E a minha boneca
Também lá ficou.

E assim vão dexando, com choro e gemido,
Do berço querido
O céu lindo e azu.
Os pai, pesaroso, nos fio pensando,
E o carro rodando
Na estrada do Su.

Chegaro em São Paulo - sem cobre, quebrado.
O pobre, acanhado,
Percura um patrão.
Só vê cara estranha, da mais feia gente,
Tudo é diferante
Do caro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,
E sempre no prano
De um dia inda vim.
Mas nunca ele pode, só veve devendo,

E assim vai sofrendo
Tormento sem fim.

Se alguma notícia das banda do Norte
Tem ele por sorte
O gosto de uvi,
Lhe bate no peito sodade de móio,
E as água dos óio
Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,
Ali veve preso,
Devendo ao patrão.
O tempo rolando, vai dia vem dia,
E aquela famia
Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,
Exposto à garoa,
À lama e ao paú,
Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
Vivê como escravo
Nas terra do su.

CANTE LÁ, QUE EU CANTO CÁ

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,
Aprendeu munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaiou na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feção
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Você é muito ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,

Que eu canto meu padecê.
Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ôro,
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão direito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.

Só canta o sertão direito,
Com tudo quanto ele tem,
Quem sempre correu estreito,
Sem proteção de ninguém,
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó,
Puxando o cabo da inxada,
Na quebrada e na chapada,
Moiadinho de suó.

Amigo, não tenha quêxa,
Veja que eu tenho razão
Em lhe dizê que não mêxa
Nas coisa do meu sertão.
Pois, se não sabe o colega
De quá manêra se pega
Num ferro pra trabaiá,
Por favô, não mêxa aqui,

Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima compreta,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,
É um tá sarapaté,
Que quem tem pôca leitura
Lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
Tanta deusa, tanta fada,
Tanto mistéro e condão
E ôtros negoço impossible.
Eu canto as coisa visive
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui:

Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí.
Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um divule de rima
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra
De fruta de jatobá,
De fôia de gamelêra
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E da poêra do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já tá ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também.

Repare que deferença
Iziste na vida nossa:
Inquanto eu tô na sentença,
Trabaiando em minha roça,
Você lá no seu descanso,
Fuma o seu cigarro mando,
Bem perfumado e sadio;
Já eu, aqui tive a sorte
De fumá cigarro forte
Feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facêro,
Toda vez que qué fumá,
Tira do bôrso um isquêro
Do mais bonito metá.
Eu que não posso com isso,
Puxo por meu artifiço
Arranjado por aqui,

Feito de chifre de gado,
Cheio de argodão queimado,
Boa pedra e bom fuzí.

Sua vida é divirtida
E a minha é grande pená.
Só numa parte de vida
Nóis dois samo bem iguá:
É no dereito sagrado,
Por Jesus abençoado
Pra consolá nosso pranto,
Conheço e não me confundo
Da coisa mió do mundo
Nóis goza do mesmo tanto.

Eu não posso lhe invejá
Nem você invejá eu,
O que Deus lhe deu por lá,
Aqui Deus também me deu.
Pois minha boa muié,
Me estima com munta fé,
Me abraça, beja e qué bem
E ninguém pode negá
Que das coisa naturá
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

VACA ESTRELA E BOI FUBÁ (PATATIVA DO ASSARÉ)

Seu doutor me dê licença pra minha história contar.
Hoje eu tô na terra estranha, é bem triste o meu penar
Mas já fui muito feliz vivendo no meu lugar.
Eu tinha cavalo bom e gostava de campear.
E todo dia aboiava na porteira do curral.

Ê ê ê ê la a a a a ê ê ê ê Vaca Estrela,
ô ô ô ô Boi Fubá.

Eu sou filho do Nordeste , não nego meu naturá
Mas uma seca medonha me tangeu de lá pra cá
Lá eu tinha o meu gadinho, num é bom nem imaginar,
Minha linda Vaca Estrela e o meu belo Boi Fubá
Quando era de tardezinha eu começava a aboiar

Ê ê ê ê la a a a a ê ê ê ê Vaca Estrela,
ô ô ô ô Boi Fubá.

Aquela seca medonha fez tudo se atrapalhar,
Não nasceu capim no campo para o gado sustentar
O sertão esturricou, fez os açude secar
Morreu minha Vaca Estrela, já acabou meu Boi Fubá
Perdi tudo quanto tinha, nunca mais pude aboiar

Ê ê ê ê la a a a a ê ê ê ê Vaca Estrela,
ô ô ô ô Boi Fubá.

Hoje nas terra do sul, longe do torrão natá
Quando eu vejo em minha frente uma boiada passar,
As água corre dos olho, começo logo a chorá
Lembro a minha Vaca Estrela e o meu lindo Boi Fubá
Com saudade do Nordeste, dá vontade de aboiar

Ê ê ê ê la a a a a ê ê ê ê Vaca Estrela,
ô ô ô ô Boi Fubá.

CITAÇÕES

" Eu fui um agricultor, mas enquanto eu ia trabalhando, manejando a ferramenta agrícola, eu tava também funcionando a mente, criando um poema"

" A minha inspiração maior foi a natureza, os animais"

" A vida no campo é diferente, viu? Mas se a gente se acostumar acha bom, acha aquele espaço de tempo muito belo"

" Agora ninguém deve é silenciar. Deve sempre pelear e lutar por um futuro melhor, mesmo que ele não venha. Mas silenciando é pior. Aí é que piora"

" Patativa é uma avezinha pequena. Ela canta muito bem e ela é assim, por cima ela é azul. Assim de frente, ela é branca e o bico bem grossinho, viu?"

"Vivo dentro do sertão e o sertão dentro de mim".

" Tem uma cacimba. Fui eu que cavei, mas já faz muitos anos. Ela está lá. Foi quase como um milagre. Ela deu água com dezenove palmos e até hoje nunca faltou água".

" Sabe de uma coisa, o que eu sou é um agricultor. Vivo é de minha roça".

" A Serra de Santana é meu paraíso, onde eu nasci e vivi desde criança. Comecei a trabalhar e passei ali até a idade velho mesmo".

PROJETO POESIA ITINERANTE

É com grande orgulho que o Centro Popular de Cultura e Ecocidadania – CENAPOP, lança em sessão solene, na Assembleia Legislativa do Estado Ceará, o projeto “PATATIVA DO ASSARÉ – POESIA ITINERANTE”, que **percorrerá 40 municípios** do interior do Ceará em um ônibus adaptado com uma biblioteca multimídia, palco, telão, projetor e equipamento de som. Em cada cidade serão desenvolvidas atividades artísticas e culturais em torno da vida e obra de Patativa, além de oficinas relacionadas aos usos do baú. Serão dois dias em cada lugar, ao final dos quais um “baú poético” será doado à biblioteca pública da cidade.

Cada “baú poético” conterà os seguintes produtos sobre a vida e obra do Patativa do Assaré: 10 livros; 1 manual de utilização pedagógica da mala; 1 exposição fotográfica com 15 fotos; 1 pequeno palco e 5 bonecos para realização de uma esquete de teatro de bonecos; 1 DVD com filmes, contendo 1 curta-metragem e 1 longa-metragem e 1 DVD com 8 músicas de Patativa do Assaré interpretadas por artistas cearenses, além de vasto material colhido na internet, que servirá para pesquisas escolares.

Nossa intenção é que os cearenses passem a celebrar o dia 05 março como o “Dia Patativa do Assaré” (em tramitação na Assembleia), utilizando o baú como aporte inicial para ações comemorativas, a fim de preservar sua memória e de promover sua obra como símbolo da cultura cearense. Neste sentido, vale o esforço para tentar estender este projeto pelos 184 municípios do Estado.

Verônica Guedes

Diretora Executiva do Projeto Patativa do Assaré – Poesia Itinerante

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cante lá que eu canto cá- Autor :Patativa do Assaré – 1978

Digo e não peço segredo – Autor : Tadeu Feitosa – 2001

Jornal O Povo – 5 de março de 2009;

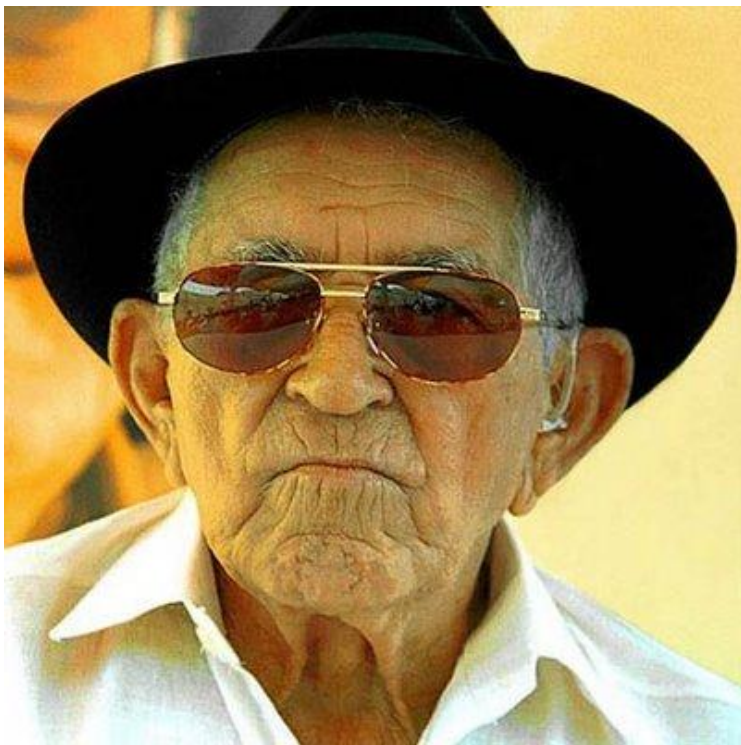
Jornal O Diário do Nordeste – 5 de março de 2009.

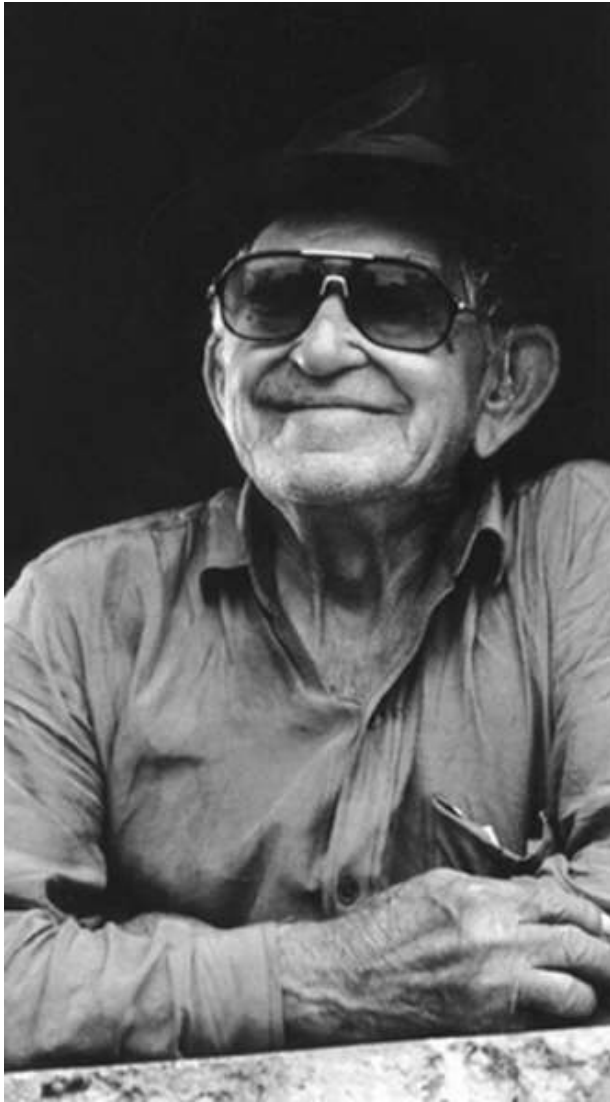
REGISTRO FOTOGRÁFICO















Mesa Diretora 2009 – 2010

Dep. Domingos Filho
Presidente

Dep. Gony Arruda
1º Vice - Presidente

Dep. Francisco Caminha
2º Vice - Presidente

Dep. José Albuquerque
1º Secretário

Dep. Fernando Hugo
2º Secretário

Dep. Hermínio Resende
3º Secretário

Dep. Osmar Baquit
4º Secretário

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS PARA O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ
INESP**

Presidente

Antonio Nóbrega Filho

Gráfica do INESP

Equipe Gráfica: Ernandes do Carmo, Francisco de Moura,

Hadson Barros e João Alfredo

Diagramação: Mário Giffoni

Av. Desembargador Moreira 2807

Dionísio Torres Fortaleza Ceará.

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Fone: 3277-3705

Fax: (0xx85) 3277-3707



home page: www.al.ce.gov.br

e-mail: epovo@al.ce.gov.br

home page: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br



POR UMA CULTURA DE PAZ E NÃO VIOLÊNCIA¹

Reconhecendo a parte de responsabilidade ante o futuro da humanidade, especialmente com as crianças de hoje e de amanhã, ***EU ME COMPROMETO*** - em minha vida cotidiana, na minha família, no meu trabalho, na minha comunidade, no meu país e na minha região a:

- 1 RESPEITAR A VIDA.** Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar;
- 2 REJEITAR A VIOLÊNCIA.** Praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes;
- 3 SER GENEROSO.** Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica;
- 4 OUVIR PARA COMPREENDER.** Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem à maledicência e o rechaço ao próximo;
- 5 PRESERVAR O PLANETA.** Promover um consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e o equilíbrio dos recursos naturais do planeta;
- 6 REDESCOBRIR A SOLIDARIEDADE.** Contribuir para o desenvolvimento de minha comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, com o fim de criar novas formas de solidariedade.

¹ Manifesto redigido por defensores da Paz como Dalai Lama, Mikail Gorbachev, Shimon Peres e Nelson Mandela, no sentido de sensibilizar a cada um de nós na responsabilidade que temos em praticar valores, atitudes e comportamentos para a promoção da não violência.

Lançado em 2000 pela UNESCO, contou com a adesão da Assembléia Legislativa ao “Manifesto 2000” com a coleta de mais de 500 mil assinaturas em nosso Estado.

METAS DO MILÊNIO



Em 2000, as "8 Metas do Milênio" foram aprovadas por 191 países da ONU, em Nova Iorque, na maior reunião de dirigentes mundiais de todos os tempos. Estiverem presentes 124 Chefes de Estado e de Governo. Os países, inclusive o Brasil, se comprometeram a cumprir os 8 objetivos, especificados, até 2015.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

*Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada*

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Tomás Lopes

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que tua glória conta!
Terra, o teu nome e a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
Nome que brilha - esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E despertando, deslumbrada, ao vê-.las
Ressoa a voz dos ninhos...
Há de florar nas rosas e nos cravos
Rubros o sangue ardente dos escravos.

Seja teu verbo a voz do coração,
verbo de paz e amor do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
e foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada!
Que importa que no seu barco seja um nada
Na vastidão do oceano,
Se à proa vão heróis e marinheiros
E vão no peito corações guerreiros!

Sim, nós te amamos, em aventuras e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em meses, nos estios
E bosques, pelas águas!
selvas e rios, serras e florestas
Brotem no solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal
sobre as revoltas águas dos teus mares!
E desfraldado diga aos céus e aos mares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi na paz da cor das hóstias brancas!